

# A lenda do começo após

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

## CANTO I — O CANTO DO CAVALEIRO

Eu sou aquele que nasceu do sempre,  
Correndo terras e rasgando ventres,  
Coberto todo por manhãs de sangue,  
Eu sou aquele que buscou o eterno,  
Furtando sonhos e beirando o inferno,  
Tombado rubro e restando exangue.

Meu nome foi manchado de impropérios,  
Minh'alma d'illusão' fez-se em mistérios  
E tudo descobriu d'uma só vez.  
Cenários se alongaram pela estrada,  
Que cobri, arrastando a dura espada,  
De têmpera qu'igual ninguém já fez.

Eu sou aquele que transpassa o mundo,  
Que penetra no abismo mais profundo  
Em silêncio translúcido de espaço.  
Eu sou aquele que retorna à lenda  
Recaminhando por estranha senda  
De montes e planícies em seu passo.

Assim começo, pois, estes meus versos  
Gerados por motivos tão diversos  
Como a sombra do tempo em vendavais.  
E começo a contar a história inteira  
Daquela que seguiu a louca esteira  
Pelos mares e campos siderais.

## CANTO II — O MUNDO DO CAVALEIRO

Até que um dia o começo após chegou  
Abstração absoluta,  
Sem reino e sem jardim.  
Penetrou as sangrias desoladas  
vestidas no azul despenhadeiro,  
E recobriu de sol e de sereno  
As soluções marítimas  
do céu,  
Nos espaços das naves peregrinas.

O silêncio sepulcrico e cerúleo  
Hospedou a essência do infinito  
Despencado da imensidão do sempre  
Para a franquia aberta do Universo.  
O infinito mostrou-se então finito  
Cristalizado átomo instantâneo,  
Para em seguida crescer  
Descomunal  
Abrindo, pelo Cosmos sem fronteiras,  
A estrada do Começo Após.

## CANTO III — A VIDA DO CAVALEIRO

O jardim dos impossíveis  
Foi descoberto sem véu,  
E o cavaleiro, por níveis,  
cavalgou o seu corcel.

Entrou com asas na espada  
E com espaços no escudo,  
Sonhando ver sua fada  
Revestida de veludo.

Era um valente menino,  
com seu sonhar já maduro,  
Afastando o desatino  
Como o claro afasta o escuro.

Cavalgou o seu cavalo,  
Por alamedas cobertas,  
Ao vê-lo meu verso calo,  
As palavras sendo incertas.

Cavalgou o mundo inteiro  
Menor que a própria ambição  
E descobriu o roteiro  
Que não procurara em vão.

Cavalgou o cavaleiro,  
Tendo a cabeça no espaço,  
Peregrino e não romeiro,  
Nos caminhos de seu passo.

Cavalgou o próprio abismo,  
Por sobre sombras e sonhos,  
A mente imersa em lirismo,  
O corpo em choques medonhos.

Cavalgou em seu jardim,  
Nascido dos impossíveis  
Na busca do próprio fim,  
Cavaleiro dos cem níveis.

Assim a sua aventura  
O cavaleiro pretérito  
Começou sem amargura  
Almejando o eterno mérito.

Mas terminou cavaleiro  
Por ter nascido do após  
O sonho desfeito inteiro  
Ficando com ele a sós.

E terminou cavaleiro,  
Mesmo estando muito após,  
Buscando restar inteiro  
Com seu corcel sempre a sós.

E assim o bom cavaleiro  
Que foi do começo após  
Morreu cavalgando inteiro  
Com seu corcel sempre a sós.

PAGINA 12

TRIBUNA DE PERUIBE

2.ª QUINZENA DE NOVIEMBRE DE 1986